

## Sacerdote Padrão

---

PADRE AZARIAS SOBREIRA

### I

Se, neste meu ablativo de vida, me perguntassem qual a marca que me parece mais saliente em meu espírito, eu não teria medo de responder: uma inata tendência para admirar. Não propriamente os que fizeram fortuna ou conseguiram altas posições sociais, e sim os que se impuseram pela coragem das convicções, pelo domínio de seus apetites desordenados, pela compaixão para com os injustiçados e oprimidos.

Neste rol alcandora-se mons. José Augusto da Silva, cearense da gema, falecido em 1972, quando ia completar noventa anos. Quem era ele? Nascido no dia 18 de setembro de 1882, no alto da serra de Baturité, foram seus pais Norberto Cândida da Silva e Ana Maria Barbosa da Silva, irmã do padre José Barbosa de Jesus, sacerdote de nome ilibado que, morto também nonagenário, intercalava os trabalhos do ministério sacerdotal com o estudo da filosofia, da mecânica e da música. Fora de seus íntimos, bem pouca gente avaliou-lhe os talentos, dado o seu desdém à publicidade e sua natureza ascética, feio e excêntrico como Capistrano de Abreu. Pois foi esse tio de apurado gosto pelas cousas do espírito que, havendo, bem cedo ainda, observado as predisposições de José Augusto para as letras, apenas o viu completar dez anos, encaminhou-o para

o Seminário Episcopal, em Fortaleza, já então com a certificado de seu Curso Primário. Entrou, portanto, em tão tenra idade, no Ginásio, destacando-se entre os mais salientes de seus discípulos.

A esse tempo, já o Seminário achava-se sob a batuta dos abalizados educadores que eram os Padres Lazaristas franceses, a cuja sadia orientação se deve, em boa parte, a elevação moral e o preparo do Clero Cearense, que deu à Igreja no Brasil centenas de seletos ministros de nossa Fé, alguns deles dignos de figurar no Catálogo dos Santos, ou, pelo menos, no rol de autênticos embaixadores do Evangelho.

Para sua boa sorte, teve o jovem filho de Guaramiranga a dita de passar todo o seu currículo estudantil, em Fortaleza, numa fase que poderíamos chamar de ouro, quando à dianteira do Instituto encontrava-se o padre Júlio Simon, um educador de grandes prendas, ainda hoje lembrado com acentos de respeitosa apreço e veneração. Dali saiu, naquele decênio, uma brilhante geração de padres e leigos que depressa se projetaram no cenário social e religioso do Estado, testemunhando a competência e o desvelado afã de semelhantes mestres.

\* \* \*

Se bem que José Augusto tivesse ingressado no Seminário em idade tão tenra, exatamente em 1893, de tal forma se aveio, que no fim de 1901 já havia concluído os estudos teológicos, sempre com notas satisfatórias e fama de menino-homem. E como, já naquela época, a Igreja não permitia fosse alguém elevado às honras do Presbiterato antes dos vinte e dois anos e meio, o jovem concludente se viu na contingência de ficar, por todo um triênio, esperando idade até o suspirado dia de sua ordenação sacerdotal.

Diga-se de passagem que a prova semelhante foram submetidos outros seminaristas dos mais esperançosos, pelo tempo afora, entre os quais merecem especial atenção os futuros monsenhores e ases de sua classe Pedro Esmeraldo da Silva e Joviniano Barreto.

E face disto, o Diocesano o despachou para Canindé, onde, na qualidade de professor, pôde adquirir visão prática da exis-

tência na milícia sagrada, à benfazeja sombra dos Padres Capuchinhos que, apoiados no cofre de São Francisco de Assis, mantinham próspero e renomeado educandário para rapazes, preferindo os órfãos de pai, com internato e externato. Ombreando-se àqueles veteranos do magistério, o clérigo recém-chegado nem de leve deu mostras de infantilidade no desempenho de suas novas funções. Antes despertou logo as atenções gerais por sua modelar eficiência e madureza de pensar, de modo a muito tempo depois ainda ser ali recordado com saudosas referências. Isto mesmo eu pude verificar nas minhas férias de 1909, todas elas passadas entre os padres daquele vetusto instituto de educação, por onde passaram centenas de jovens sequiosos de instrução que ainda hoje honram os bancos escolares de Canindé.

Acertadamente se tem dito, com estranheza para muitos, que o *menino é o pai do homem*, no que se pretende significar que, da mesma forma que pelo dedo se pode entrever o gigante — *ex digito gigans* — embrionariamente já palpitam no menino as qualidades que de futuro se hão de revelar no adulto.

Marcava-o já então a sisudez, a pontuabilidade, o asseio, o senso de responsabilidade, a impermeabilidade à lisonja, que pela vida toda lhe ficaram distinguindo o caráter.

Finda a longa espera de idade, foi-lhe conferido por Dom Joaquim José Vieira, segundo Bispo do Ceará, a ordem do Presbiterato, que deveria liberar o novo levita do Senhor para outras atividades, em campo bem mais largo. Logo mais, chegou-lhe às mãos a portaria que o nomeava Coadjutor da Freguesia de Maria Pereira, hoje Pedro Leão de Andrade.

Não devia, entretanto, ser essa a ocupação do padre José Augusto, e sim a Paróquia de Camucim, onde graves desenque se dizia estar firmada a resolução de apelarem para um ministro protestante se não lhes fosse dado um sacerdote digno de acatamento.

---

NOTA — Quando nasceu José Augusto, o sítio Paraíso, propriedade de seus pais, pertencia ao Município de Pendência, depois mudado em Pacoti; mas atualmente está encravado no Município de Guaramiranga, donde se conclui que ele pertence a este último e é, de pleno direito, guaramiranguense.

## II

Não passarei adiante sem haver posto, no devido destaque, uma particularidade que ele me confiou há muito tempo, e diz respeito aos sentimentos que o empolgavam às vésperas desse decisivo passo de sua luminosa carreira. De acordo com essas suas declarações confidenciais, a maior parte da noite que precedeu a sua ordenação sacerdotal, ele, longe de dormir, entreteve-se em fervorosas preces, positivamente assoberbado de inefáveis sentimentos, repassando também em mente as reflexões por ele feitas nos três últimos dias escrupulosamente reservados para o recolhimento espiritual, na antevisão do grande passo que ia dar.

Consagrar-se a Deus perpetuamente, renunciando a todas as atividades da carne e pautando seus atos por tal estalão que se pudesse apresentar a seus semelhantes como paratendimentos estavam ocorrendo entre o povo e o Vigário dali, desentendimentos que determinaram um abaixo-assinado em digna de observância da moral evangélica, para sempre desprezado de toda mundanice, eis a preocupação dominante daquela noite. E as mesmas lágrimas choradas por Agostinho, de Hipona, lágrimas que veementes lhe inundavam o rosto, verteu-as, igualmente cálidas e irreprimíveis, esse generoso candidato ao sacerdócio. Agostinho se emocionava assim desde o momento em que, tocado pela graça do Alto, percebera que, para ser coerente com a Religião do Crucificado, tinha que abdicar ao *homem velho* com todo o cortejo de sua disponibilidade folgazão e sem freios, para entregar-se a um regime de mortificação e austeridade, depois dos seus trinta anos de vida. José Augusto, bem antes dos vinte e três, quando o mundo ainda se lhe ostentava sem o travo das lições que só a experiência costuma dar, temia um malogro em seu programa de renúncia; e tremia de susto ao pensar na possibilidade de vir a ser um perjuro nos solenes compromissos que, pela manhã, deveria selar por voto irreversível.

Consoante me disse, prometeu então ao Mestre Divino que faria por viver em tal estado d'alma que estaria sempre

disposto a rolar barrica no meio da rua como um pobre operário do eito, antes de sujeitar-se a cometer um indignidade.

Animado, pois, desses sentimentos altruísticos, foi que pôs os pés no cenário que lhe fora destinado; a Paróquia de Camucim, sua esposa mística. E por sinal da sinceridade de seus propósitos, naquela terra permaneceu, ocupando os mesmos nobilitantes encargos, pelo espaço de vinte e quatro anos de ação construtiva. Olhado por gregos e troianos, dentro e fora das lindes daquele Município, à maneira de um varão sem medo e sem nódoa, para ele só contava o testemunho de sua consciência e o ideal de tudo restaurar no Cristo, por mais que sobreviessem fases difíceis e contundentes incompreensões.

\* \* \*

Naquelas eras, Camucim, apesar do bom porto de que era servido, tinha fama de paróquia de minguados recursos e, por isto mesmo, pouco desejável a padres que não possuíssem noção bem elevada da magnitude do sacerdócio. Por sinal, nem na cidade havia igreja para o exercício regular do culto católico.

A ela, todavia, por tal forma se afeiçoou o jovem eclesiástico que por três vezes rejeitou as Freguesias de Itapipoca e Limoeiro do Norte, que sucessivamente lhe foram oferecidas e que hoje se projetam como sedes de Bispado.

Ante o espetáculo bem desairoso da inexistência de um prédio para funcionar à guisa de Matriz, o Padre se prevaleceu das primeiras oportunidades para ir conclamando seu povo no sentido de meterem ombros à construção do mencionado edifício, assegurando-lhe que nele trabalharia como pedreiro e servente até vê-lo terminado a contento geral. Mesmo assim, não conseguiu galvanizar a opinião pública, tomada de pessimismo não só pelas despesas decorrentes de tamanho tentame, mas sobretudo por não confiar nas aptidões do Vigário, em tão verdes anos.

Aceitavam, entretanto, que se retomassem velhos paredes destinados à mesma finalidade que um de seus anteces-

sores abandonara, e permaneciam desafiando, ao sol e à chuva, a coragem dos coevos. Padre José Augusto já estivera examinando, com pessoa experiente, o estado daquelas paredes e chegara à conclusão de que não inspiravam confiança, não valendo a pena aproveitá-las. Como, porém, o grosso dos homens pensantes persistissem no seu temerário ponto de vista, o Vigário curvou-se e deu início à continuação dos trabalhos.

Não durou muito a euforia dos seus opositores. A primeira chuva sobrevida deitou por terra a obra, forçando todos a reconhecer a madureza das ponderações do Cura, dando-lhe, desde então, carta branca para assumir a direção do serviço a empreender. E o resultado foi deveras confortador: ele arregaçou as mangas, muniu-se de colher-de-pedreiro e não parou enquanto não viu erguida a Matriz idealizada, que pôde ser benta e inaugurada antes que se completassem três anos de sua iniciação, a começar dos alicerces.

Note-se, para honra do homem de Deus que foi monsenhor José Augusto, que essa construção feita a toque de caixa não só saiu por preço bem abaixo das mais otimistas previsões, mas ainda hoje se ostenta no centro da cidade, sem revelar sintomas de decrepitude ou risco de desmoronamento. E não é de agora a passagem do seu cinquentenário.

Bem se pode avaliar o prestígio que daí resultou para o Vigário, prestígio esse que foi crescendo incessantemente, constituindo-o alvo manifesto da confiança geral, inclusive dos homens do comércio, das autoridades civis e das famílias.

### III

Foi essa fagueira aura popular que lhe deu ânimo para, algum tempo depois, empreender outra obra de menor vulto, é certo, mas não menos significativa para os foros de gente civilizada que já então adquirira Camucim. Quero referir-me à edificação, na zona suburbana, de uma vila de modestas habitações destinadas à residência dos pobres morféticos, uns doze ao todo, que, vivendo em promiscuidade com o elemento

sadio, eram vistos, com freqüência, atravessando as ruas, em busca de recursos para suas necessidades.

Como geralmente acontece, sua presença, entre os esmoleres comuns, ocasionava justo movimento de repulsa, máxime a visitantes de longe, encontradiços numa terra onde chegavam pessoas de toda parte, trazidas nos navios ali ancorados, ou à procura deles para demandar outras regiões.

Condoído de tamanha desdita, o jovem padre obteve franca acolhida a seu humanitário projeto, e em poucos meses pôde contemplar as sonhadas casinhas em perfeitas condições de instalação. Não houve resistência. Todos os doentes, menos um de nome Chico, conhecido por seu gênio contraditório, que exigia medidas de exceção para conduzi-lo até lá, para o novo abrigo seguiram, confiados na palavra do seu chefe espiritual. Tinham razão de nele confiar: no decurso de anos a fio, ele os ia visitar regularmente, levando-lhes, de cada vez, o conforto espiritual de praxe e também comida, roupa, remédios e até guloseimas, que distribuía pessoalmente, ao mesmo tempo em que indagava de sua situação, individual para a tudo prover, na medida do possível.

Quando se verificou a morte do primeiro de seus queridos asilados, por sinal uma mulher de acrisolada resignação, acorreram curiosos e também homens da melhor sociedade, decididos a prestar sua solidariedade aos restantes daquela colônia marcada pelo infortúnio. E exatamente na hora do sepultamento, diante da cova aberta para receber a finada, sucedeu uma cena que profundamente enterneceu a assistência. Quem o adivinharia? Numa árvore bem próxima veio pousar um passarinho absolutamente desconhecido na terra, que sem-cerimoniosamente desferiu um prolongado canto, de beleza rara, depois do que voou incógnito, como tinha surgido.

Naquela manifestação descobriram os simples que a tudo haviam presenciado, um sinal do Alto para dar a entender quanto o Céu estava contente com o gesto de caridade de que a cidade dera mostras tão eloqüentes para com a mísera defunta. Por isso muita gente ficou indo rezar junto à cova, levando flores e acendendo velas em sua homenagem.

Esses desvelos de Cura só tiveram solução de continuidade quando, anos mais tarde, precisou mudar-se para a capital. Antes, porém, como já funcionasse no Estado o moderno Leprosário Antônio Diogo, imensamente mais bem aparelhado de recursos, o Padre providenciou a transferência daqueles filhos de sua alma sacerdotal para as novas instalações, onde os foi colher a morte libertadora.

\* \* \*

Já ia fazer vinte e dois anos que o pe. José Augusto morava em Camucim, quando se registrou o falecimento de sua genitora, no alto da serra de Baturité, no mesmo sítio onde passara a mocidade e envelhecera, dele nunca se resolvendo a arredar o pé. Esse óbito deu margem a que Beatriz, filha única do casal e solteira por vocação, fosse fazer companhia ao irmão sacerdote no seu querido desterro de Camucim.

Até esse tempo, o Padre vivera praticamente sozinho, admitindo apenas que diariamente um menino escolhido a dedo lhe fosse varrer a casa, botar água nos potes e conduzir as parcas refeições, rigorosamente preparadas fora.

A presença de Beatriz, como era natural, acarretou a necessidade de associar-se-lhe uma empregada, sob a chefia da mana, do que sobreveio, para o dono da casa, ensejo para ficar tendo alimentação menos irregular e um conforto legítimo, mas do qual prescindira sistematicamente, sabe Deus com que silencioso heroísmo ascético. Essa nova etapa de seu viver prolongou-se por mais um biênio entre seus queridos fregueses e, logo a seguir, por outros vinte em Fortaleza, para onde teve de mudar-se, premido por circunstâncias imprevistas e — quem sabe — por efeito de sutis e suaves insinuações da referida mana, certamente saudosa de sua gente, na quase totalidade disseminada entre Fortaleza e Baturité. Disto, aliás, nos ocuparemos em capítulo posterior.

Ao começar a década de vinte, comoções populares de grande envergadura andaram sacudindo a opinião pública do Ceará, sedenta de costumes administrativos menos retrógrados e, em consequência, de governantes vivamente empe-



nhados em promover novos rumos à Terra Mártir, manobrada por uma oligarquia empenhada, acima de tudo, em perpetuar-se no poder.

Dentro de dois anos apenas, deram-se dois fatos de imensa repercussão nos destinos da coletividade: a deposição sanguinolenta do Governador e a contra-revolução de 1914, mais conhecida por Revolução de Juazeiro. Logo a seguir, desabou sobre o povo, empobrecido com o movimentos armados, a seca arrasadora de 1915, que passou à história com a antonomásia de *O Quinze*.

Foi nessa quadra de transição que providencialmente assumiu a presidência da República um paraibano dos mais ilustres e varonis, Epitácio Pessoa, trazendo nas veias a dor do Nordeste enjeitado, autêntico pária no concerto da nacionalidade. Sua preocupação maior foi injetar seiva no organismo da região onde nascera, não só dotando-a de obras de ajudagem de grande vulto, eldorado dos nossos pró-homens, como condição de geral soerguimento, mas também colocando, em pontos estratégicos, governantes sem nódoa, capazes, portanto, de cooperar no trabalho inadiável da moralização dos costumes públicos.

#### IV

Antecipando-se ao pensamento do presidente Epitácio Pessoa, que pensou em fazer eleger governadores de Mato Grosso e Pará os respectivos Bispos daquelas paragens, Aquino Correia e Irineu Joffily, na esperança de assim consertar ali as máquinas administrativas, procurou o engenheiro João Tomé, um varão de mãos limpas e nome aureolado, introduzir igual medida no Ceará, logo após sua investidura na governança do Estado.

E um padre por ele cogitado foi o Vigário de Camucim, seu velho conhecido. Uma vez liberado pela Cúria Episcopal para ser investido no milindroso encargo a ele oferecido, qual o de Prefeito local, padre José Augusto não se fez rogado. Anuiu ao insistente apelo do Governador, mas sob a condição

de agir sem qualquer pressão oficial ou compromisso político; e renunciar desde o momento em que houvesse posto as cousas no desejado ritmo de moralidade.

O seu primeiro ato valeu por uma bomba: demitiu sumariamente todos os antigos funcionários, inclusive amigos particulares, nomeando para substituí-los cidadãos de reconhecido senso de responsabilidade. Decorreu-lhe daí um pasmoso crédito de confiança popular, de resultados deveras auspiciosos.

Até então o erário municipal arrastava-se em deplorável penúria, não deixando margem para o mais pequeno melhoramento digno de citação.

Menos de um ano, todavia, foi suficiente para que o disco virasse espetacularmente. Com o sangue novo injetado nas veias da administração civil, e sob a inspeção vigilante do Padre-Prefeito, não se passaram sequer oito meses para que estivesse sendo pago, normalmente, todo o funcionalismo. Não se devia mais um tostão a ninguém e havia-se erguido vistoso prédio para servir de sede à Prefeitura, como próprio municipal, e que não impedia de ser prestada apreciável ajuda ao lazareto paroquial.

Isto conseguido, com a mesma firmeza de ânimo que tivera o Vigário resignando-se a acumular as ditas responsabilidades, a elas renunciou em caráter definitivo. O modelo estava dado e a missão inegavelmente cumprida. É que — dizia ele com elevado critério — os cuidados com a gestão do Município roubavam precioso tempo que, de pleno direito, pertencia a seus fregueses, pois se fizera padre para ser pastor de almas tão-somente.

Repitamos. Passados vinte e quatro anos de sua permanência à dianteira dos destinos espirituais daquela gente amiga e compreensiva, bem ao arrepio de suas predisposições psíquicas, pois se julgaria feliz de poder morrer ali mesmo, onde vivera as primícias de seu apostolado paroquial, motivos imprevistos, que reputou imperiosos, decidiram-no a bater asas para a capital do Estado. Talvez para mais longe ainda, para Manhumirim, em Minas Gerais, onde um virtuoso sacerdote belga, de nome Júlio Maria, despertava as gerais aten-

ções com uma obra missionária surpreendente e a cujo convívio ele sentia pendores de irmanar-se para o resto da própria existência.

\* \* \*

A razão decisiva de sua inesperada deliberação de ir embora veio a ser um grave desentendimento com o Sr. Bispo de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota, alvo até então de suas irrestritas simpatias, amigos que eram e vizinhos de antiga data. Tinham ambos quase a mesma idade. Para outrem, como nós, aquilo assumiria apenas feição de simples revelação de cansaço ou impulsividade de temperamento, muito explicável durante a trabalhadeira das Visitas Pastorais, que de regra nos tomam todas as horas disponíveis.

Para Monsenhor, que não pôde jamais entender certos desmaios de amizade, a mágoa foi descomunal e só a morte o terá libertado do amargor de semelhantes recordações.

Saindo, inopinadamente, da Diocese de Sobral, teve de apresentar-se, em Fortaleza, ao Arcebispo Dom Manuel da Silva Gomes que, provavelmente cientificado do caso em apreço, e medindo a repercussão de uma tal perda para o Ceará, logo lhe pôs à disposição uma cadeira de professor no seu Seminário Provincial e a capelania do Patronato Maria Auxiliadora, colocações em perfeita consonância com as aptidões do inconfundível itinerante e nas quais permaneceu, sem hiato algum, até a extrema velhice, por mais de trinta anos, portanto.

Em ambas as atividades sobreditas, o saudoso ex-Vigário de Camucim prestou relevantes serviços. Sacerdote disciplinado e disciplinador por excelência, cada turma de alunos que passavam por suas mãos prontamente se distinguia pelo aproveitamento nos estudos e pelo senso de responsabilidade que o mestre magnificamente sabia inocular na juventude a seus cuidados. E, por força do contágio, numa convivência de anos consecutivos, essa mesma mentalidade ia-se, aos poucos, tornando característica de seus colegas de magistério. Entre outros, podem ser citados os seguintes: monsenhores

José Barbosa Magalhães, o benquistado padre Zezinho, Gumerindo Sampaio, Otávio de Castro e Pedro Alves Ferreira.

O perpassar dos anos, em décadas subsequêntes, foi criando, nesses seus inolvidáveis irmãos de ideal, uma auréola de consideração tal que o venerando Reitor do Seminário, que se chamou Manuel dos Santos Ferreira, e de quem se dizia trazer de memória tudo quanto escreveu S. Vicente de Paulo, um dia me confidenciou este rasgado elogio: — “Eles nos servem de exemplo”. Foi também de monsenhor José Augusto que outro digno professor daquela Casa e holandês de nascimento, o padre Tomé Verman, numa hora de grande indecisão, disse-me: — “Se o padre José Augusto estivesse em meu lugar, sua atitude seria esta; e eu já não tenho a menor dúvida de seguir sua trilha. Foi ele o homem com inicial maiúscula que topei no Brasil.”

A frente da capelania do Patronato Maria Auxiliadora, sua fé de ofício não sofreu a mais pequena alteração. Todo mundo o encontrava sempre à altura de autêntico obreiro do Evangelho, o pensamento voltado para o Céu. Por sua vez, a irmã Margarida Breves, fundadora e diretora daquele educandário beneficente, não possuía caráter aquém do dele. Era a figura viva e palpitante da *mulher forte* cujo elogio se acha ns Sagradas Letras, em todo o vigor da similitude.

## V

Seja-nos lícito pôr, na devida evidência, dois judiciosos pareceres de Bispos cearenses, ex-alunos de Monsenhor, na certeza antecipada de assim corroborarmos, eficientemente, nossas impressões sobre sua individualidade.

Falará primeiro Dom Miguel Fenelon Câmara, braço direito do Sr. Arcebispo, de quem é, há quatro anos, indormido Coadjutor, e depois Dom Expedito Eduardo de Oliveira. Eis, em síntese, o juízo de cada um deles:

— “Monsenhor José Augusto foi fiel à verdade e, portanto, à sua consciência de cristão e ministro de Deus. Por força disto, assumiu gestos talvez chocantes, mesmo para com al-

gum superior eclesiástico. Na defesa de seus princípios morais, não trepidava em ferir susceptibilidades. Como professor, em nosso Seminário Provincial, aliás por mais de trinta anos, interessava-se pelo bom andamento da Casa; participava regiosamente das reuniões do professorado e emitia, com desassombro, seus pontos de vista pessoais, sempre ouvidos com visível acatamento.

Freqüentemente nos relatava casos vividos por ele no seu tempo de Vigário, e essa sua fé de ofício pastoral muito me serviu para a minha formação de candidato ao serviço divino. Sobretudo a oração que dizia rezar cada dia, na qual pedia a Deus *juízo e vergonha*, como supremos valores do sagrado ministério, nunca deixou de exercer sobre mim decisiva influência. Quantas vezes ouvimos dele, entre uma aula e outra, insistente recomendação no sentido de preservarmos, a todo custo, a nossa dignidade humana e sacerdotal!

Chamava a atenção de todos o seu modo impecável de trajar, sem sombra de afetação. Batina sempre limpa e preta. Sapatos polidos. Colarinho sem nódoa. Disse-nos uma vez que suas batinas e calçados duravam anos, senão decênios, porque sabia cuidar deles.

Era motivo de edificação igualmente a amizade que mantinha com monsenhor José Barbosa Magalhães, o padre Zezinho, como o costumávamos chamar. Diariamente os víamos palestrando, em tom fraternal, nas horas livres, fosse no recreio dos padres, fosse no quarto de um dos dois, onde o seu assento era uma rede de cordas, dessas que são fabricadas no Maranhão.”

Com a palavra agora Dom Expedito de Oliveira, Bispo de Patos e assíduo colaborador do nosso jornal católico *A Fortaleza*. Ouçamo-lo:

— “Autêntica relíquia do Clero do Ceará, o público talvez ignore o valor real desse soldado de Cristo recém-falecido. É que sua aparência poderia enganar, dado o seu físico esguio e seu andar lépido de homem sempre apressado.

Sua passagem pelo Seminário, no ofício de professor de Português e Latim, sempre no segundo ano ginásial, básico e trabalhoso por natureza, marcou época. Quem saía de suas

mãos estava aparelhado para enfrentar as lutas estudantis do futuro. Com ele se estudava e ninguém tinha coragem de apresentar-se em classe sem saber a lição e levar pronto o dever escolar do dia. Eram notáveis nele os pendores para a música. Tocava o pistão com maestria e, havendo necessidade, compunha com pasmosa rapidez. Foi ele quem harmonizou um hino em louvor da SS. Virgem que esteve muito em voga. E não fazia garbo de semelhantes prendas. Para seu espírito, contavam as virtudes cívicas e cristãs.”

\* \* \*

Pessoas de sua convivência descobriram nele positivas excentricidades.

Por exemplo. Não gostava de dar esmolas a pedintes profissionais, salvo depois de haver tomado conhecimento da real situação econômica de cada um e chegado à conclusão de serem deveras merecedores do amparo da sociedade. Seu ponto de vista era que, em lugar de se distribuírem ajudas de alcance homeopático a dezenas de mendigos de procedência discutível, fossem reservadas, aos reconhecidamente necessitados, quantias substanciais, ainda que em número bem pequeno.

Outra dessas excentricidades verificou-se, aliás, durante as poucas semanas que viveu acamado, entre o desconforto do lar e o confortável aposento em que o alojaram os amigos no Pensionato Eduardo Salgado, da Santa Casa de Misericórdia. Eis o caso. Talvez como indício de decrepitude, perfeitamente admissível num ser humano que tinha atingido os 39 anos e sempre vivera arredio de assistência médica, pouco se lhe dando de viver longos dias. Pois bem. Naquelas semanas o caro enfermo se recusou a ficar recebendo, diariamente, a Sagrada Comunhão, conforme hoje em dia costumam fazer os católicos de formação cristã mais esmerada. Alegou nutrir a esperança de em breve poder tornar a dizer a Santa Missa, ambição suprema de todo o seu longo peregrinar; e então comungaria na forma de estilo. Por estranho que pareça, ele, para quem a morte sempre foi olhada como um alvará de

libertação, em demanda da bem-aventurança, externava a esperança de ainda poder levantar-se e exercer alguma atividade no exercício do ministério levítico. Tamanho é em nós o instinto de conservação.

Semelhante atitude, em nosso entender, anda bem longe de denunciar, no venerando enfermo, mostra de incoerência com a fé professada, ou pequenez d'alma. Quando muito, sinal de amolecimento cerebral. Tanto é esta hipótese aceitável quanto, exatamente por aqueles dias de rude provação física, veio a falecer, quase de improviso, de um derrame, Beatriz, a idolatrada irmã, sua companheira na alongada romaria pela terra nos derradeiros anos de vida. Pois mais forte de ânimo que ele era, a surpresa do impacto dava para obnubilar-lhe a visão teológica em certos pormenores.

Em contrapartida, sinto-me feliz de poder relatar um gesto seu de pura grandeza moral. Já bastante enfraquecido, chegou-lhe a notícia de achar-se para morrer um seu velho amigo, desses que, a seu exemplo, nada tinham amealhado para as incertezas do amanhã. Tomou um táxi e foi visitá-lo. Ao despedir-se, meteu-lhe no bolso um envelope fechado, exigindo que só fosse aberto depois de sua saída. Pois ali estavam quinhentos cruzeiros, em cabedal, em se levando em conta a pobreza franciscana do nobre doador.

Ao morrer, todo o seu espólio consistia na casa de sua residência, à Rua Guilherme Moreira, bem modesta, aliás, casa essa que pessoalmente construía, ao chegar de Camucim, com vinte cinco contos de réis que seus amigos de lá lhe enviaram como presente de Natal, pedindo-lhe que os investisse na aquisição dum prédio para sua própria morada.

Que mais ainda possuía? Um sitiozinho no alto da serra de Baturité, herança que fora de seus velhos pais e que, em falta de herdeiros necessários, legou para uma filha adotiva de seu irmão Artur, D. Rita Maciel.

A casa da Rua Manuelito Moreira ficou, por testamento, para as Irmãs do Bom-Pastor, mas para seu usufruto ser todo empregado na sustentação das pobres mulheres decaídas que, desenganadas do mundo, se acolhem à sombra das ditas

religiosas. E nada mais, a não ser um pequenino depósito na Caixa Econômica, destinado a cobrir-lhe as despesas finais com médico e sepultamento.

## VI

Esse varão sóbrio e desambicioso chegou a chefiar, todavia, uma representação subscrita por ele e três outros professores seculares do Seminário Arquidiocesano, mediante a qual reclamavam melhoria de vencimentos, como profissionais antigos do ensino.

Contra as melhores expectativas, a resposta veio de modo a chocar-lhes, profundamente, a natural altivez de caráter. Como, pois? dando a impressão de anuir aos itens do abaixo-assinado, a Cúpula deixou entender, meridianamente, que a reclamação não lhe parecera procedente. E justificava-se alegando certas regalias de que os tais gozavam, desde tempo imemorial, quais fossem as de terem os reclamantes direito a tomar parte nas refeições da comunidade e a um quartinho para descanso e dormida.

Semelhantes ponderações, que nada adiantavam de novo, valiam por um gesto oficial de estranheza diante da sobredita representação. Afinal, à maneira de um lenço irrisório de consolação, atendia-se aos termos da petição, mas no ato de descontar-se o valor estimativo das ditas refeições, o aumento solicitado reduzia-se a quase nada.

Pode-se, perfeitamente, fazer uma idéia da mágoa sofrida por monsenhor José Augusto ao impacto daquela incompreensão, de si mesma injuriosa para os seus brios de cearense até a medula dos ossos. Por cúmulo de desditas, os promotores do abaixo-assinado não perceberam então o grau de aperturas em que se vinha debatendo a Reitoria da Casa. É que, cobrando um mínimo de anuidades de seus centenaes de estudantes, a fim de não deixar sem amparo nenhuma promissora vocação ao sacerdócio, tudo ali era alvo de uma poupança forçada e sistemática. A pobreza do Instituto atingia



alturas inacreditáveis nos dias que correm, e de tudo se guardava o mais discreto silêncio.

Em 1963, verificada a renúncia do venerando Arcebispo Dom Antônio Lustosa, veio reger os destinos religiosos de nossa Arquidiocese Dom José Delgado, paraibano, que, pelo espaço de onze anos à dianteira do Arcebispado do Maranhão, ali tinha revelado coragem e largueza de vistas em assuntos econômicos. E assim foi que, mal firmara os pés em terra cearense, procurou saber, circunstanciadamente, da real situação do Clero, a cuja administração vinha presidir.

A resposta estarreceu: nenhum padre da Arquidiocese possuía garantias de sobrevivência no dia em que caísse em invalidez ou perdesse o exercício de algum cargo remunerado. Todos ficavam ao-Deus-dará, correndo o risco de precisarem recorrer à caridade pública ou, na hipótese de grave enfermidade, serem conduzidos à vala comum da Santa Casa de Misericórdia.

Dom José Delgado, porém, num arrojo bem próprio de seu temperamento, depois de informar-se sobre as despesas exigidas com a inscrição global de seus padres no IPREC (Instituto de Previdência do Clero), do Rio Grande do Sul, ordenou que todos, mesmo sem consulta prévia, fossem matriculados no dito IPREC. E vista a soma total subir a cifras alarmantes, bateu à porta do Cardeal-Arcebispo de Colônia, na Alemanha Ocidental, pedindo-lhe ajuda em tal emergência. Resultado: os católicos alemães, pelo referido Arcebispo de Colônia, assumiram a responsabilidade por setenta e cinco por cento do montante das novas obrigações, deveras temerosas.

E por esse meio todos os padres seculares da Arquidiocese de Fortaleza passaram a gozar dos benefícios duma aposentadoria, que hoje se eleva à quantia mensal de Cr\$ 375,00 (trezentos e setenta e cinco cruzeiros), afora assistência médico-hospitalar.

Nos dias que correm, a contribuição alemã em favor do Clero de Fortaleza não ficaria inferior a trezentos mil cruzeiros, pelo simples efeito da inflação dominante no Brasil.

\* \* \*

Propício é o momento de ocupar-me de dois casos focalizados pela rama no artigo da semana passada, mas que ficariam falhos de sentido se não recebessem a complementação que me proponho trazer-lhes linhas abaixo.

No tocante à mágoa do ilustre filho de Baturité em consequência da pouca atenção com que fora acolhido o sobredito abaixo-assinado, faz-se mister salientar que ele nem por sonho pôde justificar o descaso da Cúpula, sobejamente posto em relevo. Assim aconteceu que cada fim de mês, ao lhe serem entregues os honorários de professor, retirava logo o microscópico aumento a ele atribuído e o devolvia ao respectivo remetente. . . “Se o não merecia — argumentava Monsenhor, — ficava sem direito de usufruí-lo.” E ninguém conseguiu persuadí-lo a adotar diferente atitude.

O outro caso diz respeito ao gesto de altruísmo praticado pelo Arcebispo Dom José Delgado, já agora resignatário, quando deu ordem a sua assessoria no Ceará para promover a inscrição global de todos os sacerdotes seculares de sua Arquidiocese, pouco se lhe dando da substancial sangria que essa determinação iria acarretar aos cofres da Mitra. Seu supremo argumento pode ser assim expresso: — Afinal, para que há de servir o dinheiro do Arcebispo senão, antes de tudo, para prover a decente sustentação de seus padres, cooperadores natos de todo apostolado, exatamente aqueles que agüentam o peso dos mais rudes trabalhos, sem medirem sacrifícios?

Independente dos vinte e cinco por cento que forçou a Arquidiocese a desembolsar para tão alevantado fim, só a iniciativa que tomou de apelar, naquele instante, para o Cardeal-Arcebispo de Colônia, uma nação estrangeira que tanto já vinha dando, de mão-beijada, em prol das obras de assistência social e confessional de nossa Pátria, dá-nos a medida de sua solicitude de autêntico pioneiro em tal matéria, fazendo-o, portanto, para sempre merecedor de nossa imorredoura gratidão.

Gestos de tamanha significação, sobretudo se feitos no mais discreto silêncio, como no caso em apreço, dão ao citado Pastor inteiro jus à nossa reverente contemplação. Até então, digamos de passagem, ainda se desconhecia, entre nós do Ceará, quem assumisse tarefa de tanta ressonância, pondo em salvaguarda o seu Clero contra as incertezas do amanhã.

Encerremos estas pobres reflexões com um ardoroso convite a nossos leitores no sentido de tributarem, aos católicos da Alemanha, a admiração que nos estão a merecer pela magnanimidade sem par, até um decênio atrás nunca vista debaixo do sol, magnanimidade essa com a qual vêm acudindo a toda sorte de clamor dos povos menos desenvolvidos.

## VII

Depois de havermos posto, na devida evidência, o gesto altruístico de Dom José de Medeiros Delgado, sentimo-nos irresistivelmente compelido a dar ênfase a uma obra de natureza igualmente assistencial e de talvez ainda maior alcance, idealizada e levada a efeito por dois sacerdotes cearenses: mons. José Mourão Pinheiro e mons. André Viana Camurça.

Amigos inseparáveis desde os bancos escolares e irmanados pelas mesmas aspirações, deles se pode dizer sem sombra de exagero: formam um só coração e uma só alma, à maneira de Santo Agostinho e Santa Mônica, ou de Dom Joaquim Ferreira de Melo e padre Plácido de Oliveira que, uma vez distanciados por motivos superiores, desforravam-se da falta de convivência, escrevendo um ao outro cada semana, até que a morte arrebatou um dos dois, muitos anos posteriormente.

Pois os citados monsenhores cearenses bem cedo começaram a nutrir um arrojado plano de realização, como meio de assegurar condigno serviço médico-hospitalar aos ministros de Deus da Arquidiocese de Fortaleza que, acometidos de moléstia grave e não dispendo de recursos para o próprio tratamento, careciam de amparo. Porque a verdade irrecusável é que, vez por outra, morriam padres de nossa terra, por vezes operosos e exemplaríssimos, no mais clamoroso descon-

forto, dando-se por felizes quando a Santa Casa de Misericórdia lhes concedia um quarto e uma cama de quase indigente em seu gasalhosos telheiro.

E cumpre salientar que essa luminosa preocupação é pioneira em todo o Brasil, uma vez que, ao surgir, na crista dos nossos fastos assistenciais, a referida iniciativa benemérita de Dom José Delgado, já os corações de Mourão e Camurça ardiam em ânsia de providenciarem o amparo substancial de seus irmãos na ordem sacerdotal, em âmbito mais largo no tempo e no espaço.

Vinha a ser a construção de uma Casa de Saúde com quatro andares e de feição moderna, capaz de comportar pelo menos cento e cinqüenta leitos para pensionistas, e cujas rendas não só mantivessem, economicamente, o inculcado instituto, mas deixassem margem bem folgada para abrigar, decentemente, os sacerdotes necessitados de assistência durante a invalidez ou a enfermidade.

Por enquanto, visto achar-se tudo em período de iniciação, se bem que vitoriosa, são preferidos os que pertencem às fileiras da Previdência Sacerdotal, entidade genuinamente cearense, e que, por conseguinte, já gozam de direito à assistência médico-hospitalar, por força dos mesmos Estatutos daquela filantrópica autarquia.

Isto não obstante, os padres pobres a ela não filiados nem por isto ficam privados de cama, leito e tratamento condignos no Hospital Cura d'Ars, que assim se denomina o gigante de cimento armado erguido sob os auspícios dos já mencionados monsenhores cearenses.

Diga-se de relance que, em se tratando de empresa de grande vulto como essa, tendo em mira o global amparo dos elementos do Clero, durante muito tempo a própria Hierarquia mantinha a maior reserva em torno do assunto, como se também ela julgasse inexequível semelhante cometimento numa terra pobre como o Ceará.

Diga-se ainda que, ao lado do Hospital, foi construída uma série de apartamentos, em número de dezesseis, para neles descansarem ou mesmo residirem padres envelhecidos que não tivessem onde refazer-se das refregas da vida.

\* \* \*

Chegado a estas alturas no meu afã de deixar à posteridade um instantâneo fiel e objetivo do espírito que animou a monsenhor José Augusto, verifico haver-me alongado além de minhas previsões. Destarte, já começo a correr o risco de tornar-me enfadonho aos benévolos leitores. Aliás, já devo ter dito o bastante para dar do meu herói as notas que deveras o singularizaram, marcando-lhe a personalidade.

Desta minha persuasão decorre a deliberação de dar hoje por acabado o trabalho que me impus, restringindo-me a pequenas observações complementares, que me sairão sem forma literária propriamente dita, ligadas entre si apenas por algarismos, como exclusiva marca de transição.

Antes, porém, seja-me lícito pôr em destaque os nomes das pessoas que me ajudaram na colheita de informações, às vezes simples datas, de que necessitava e sem as quais ainda maiores lacunas assinalariam a minha modesta composição. Entre esses distintos cooperadores, salientam-se os seguintes, para com quem aqui ficam os meus protestos de imorredoura gratidão: Fernando Veras, Jaime Medeiros, Dom Alberto Ramos, Odilon Braveza, Dom Miguel Câmara. Não pode ficar esquecido neste rol o prof. João Teixeira, de Sobral, que para me ser útil, viajou até Camucim e lá passou um dia inteiro ouvindo figuras salientes daquela cidade, de preferência as mais antigas e de reputação firmada pelo amor ao passado. Foi-lhe ali de grande utilidade a sexagenária D. Inácia Rego, conhecida por todos como D. Lili, e que realmente nos prestou serviços inapreciáveis, graças à sua memória privilegiada. Agora vamos aos números.

1 — A Matriz de Camucim, edificada por Monsenhor, foi solenemente inaugurada em 1914, tendo por orago o apóstolo São Pedro. Salvo o altar-mor que sofreu pequenas modificações feitas sob a direção do seu imediato sucessor, ainda conserva as mesmas linhas arquitetônicas com que a ofereceram ao culto público.

2 — O vistoso prédio da Prefeitura, prédio que, conforme já dissemos, foi por monsenhor José Augusto erguido dos alicerces, já conta mais de 50 anos e não parece ter nenhum sinal de decrepitude que o fadem ao desmoronamento.

3 — Afora as realizações de que temos feito especial menção, o saudoso homem de Deus assinalou sua passagem por Camucim com outras fundações: Pia União das Filhas de Maria e uma banda de música que ele próprio dirigia e chegou a contar dezoito figuras. Das Filhas de Maria ele fez, mediante a competente e diuturna doutrinação, outras tantas apóstolas da catequese a crianças e adultos da zona suburbana, catequese essa ministrada regularmente durante anos a fio. Concomitantemente elas foram tomando interesse pela instrução popular, dando aulas de primeiras letras em pontos estratégicos daquela cidade, tudo absolutamente grátis.

4 — Promovia Monsenhor solenes Primeiras Comunhões duas vezes por ano. Em tais oportunidades, seu entusiasmo adquiria tonalidade fora do comum, dando a medida de sua fé o gosto de inocular, no coração da juventude, o amor da Religião.

5 — Ao recolher-se ao Pensionato Eduardo Salgado, da Santa Casa, já visivelmente combalido, levou consigo, como jóia de grande valor, o ornamento com que celebrara a sua Primeira Missa, e foi dele revestido que entrou no jazigo onde dormem seus restos mortais.

6 — Ao perceber que se lhe aproximavam os derradeiros momentos, pediu que o calçassem e vestissem como quem fosse viajar. Depois fez que o reclinassem em sua cadeira de balanço; e foi ali que entregou sua alma ao Criador com o estoicismo e a serenidade característica de sua longa romaria pela terra.

7 — Depois de ter-lhe conferido o sacramento da Extrema-Unção, coube a mons. Francisco Portela a dita de dar-lhe a derradeira absolvição.

8 — Das parcas economias que fez no decurso dos seus 66 anos de sacerdócio, pagas as despesas com a longa enfermidade, restaram cerca de dezessete mil cruzeiros, quantia que, em obediência a suas disposições testamentárias, automati-

camente passou para os filhos dos leprosos, na pessoa do Educandário Eunice Weaver, benemérita instituição incumbida de abrigá-los. Vê-se por aí a continuidade de seus sentimentos no empenho de acudir às vítimas da lepra.

9 — Pessoas que o iam visitar na Santa Casa viam-no, vez por outra, de terço na mão, em atitude de prece e edificante recolhimento.

10 — Ao fechar definitivamente os olhos, contava noventa anos, menos cinco meses. Marcava o calendário 14 de abril de 1972.